

PENSAMENTO ALIENÍGENA

A era administrativa

ANDRÉ SIEGFRIED,
da Academia francesa
(Tradução de Lygia Azevedo)

Assinado por um dos mais representativos nomes da moderna cultura francesa, o presente trabalho, além disso, tem a esteá-lo todo o background da terrível catástrofe por que passou agora a Europa.

Cético quanto a um possível dirigismo da Ciência, o autor lembra que, dada a crescente interrelação entre os desígnios do Estado e a essência das pesquisas científicas — um e outra buscando o bem-estar da humanidade — os governos vêm procurando intervir diretamente no campo da Ciência — o que lhe parece um perigo, já que tal fenômeno levará ao totalitarismo qualquer Estado democrático.

Assim, alerta os governos, apontando como diretriz máxima da nova era administrativa, — em que a organização se sobreporá à técnica — a racionalização das atividades distributivas e administrativas da produção, tudo dentro de um indispensável espírito de concorrência e de liberdade criadora. (N.R.)

A transição da ferramenta à máquina corresponde ao alvorecer de uma nova era da humanidade, estágio sem dúvida tão importante quanto a passagem do período paleolítico para o neolítico; que crise se teria verificado quando, de caçadores, os homens se transformaram em agricultores! Ora, é numa crise igual, pelo menos em profundidade, que agora nos debatemos. Ainda não percebemos claramente tôdas as suas repercussões, porém elas são enormes, revolucionárias, e atingem os próprios fundamentos do equilíbrio social, em que há milhares de anos viveram nossas sociedades.

Ao que me parece, distinguem-se três fases na história humana da produção: achamo-nos apenas no início da terceira e mal temos consciência de nela haveremos penetrado. Em primeiro lugar vem a

fase pre-industrial, a imensa era da ferramenta, que mergulha na noite dos tempos, criadora desses tipos humanos que acreditáramos eternos — o camponês, o artesão. Na sua grande maioria, a humanidade ainda é camponesa e artesã, mas, nas sociedades ocidentais, o artesão desaparece rapidamente, ao passo que o camponês muda insensivelmente de caráter e, se permanece o mesmo, tende, a bem dizer, a se tornar inatual: é que a máquina o atingiu.

A era seguinte — a industrial, que vem acompanhada do maquinismo — divide-se em duas fases: a mecânica e a administrativa. A partir do século XIX, a máquina a pouco e pouco penetrou em toda parte, impondo, ao consumidor e ao próprio produtor, a necessidade imperiosa da padronização; toda a vida social, até aos seus recônditos, foi por ela afetada e não há nada, nem ninguém, que possa escapar à sua influência. Mas depois dessa fase, estritamente mecânica, em que o engenheiro era rei, eis que uma nova etapa se delineia, marcando por sua vez o magnífico florescimento da Revolução industrial e, talvez, também o princípio de sua decrepitude.

Na verdade, que vemos nós, há cerca de vinte anos (para nos limitarmos apenas a esse período)? Preliminarmente, que o maquinismo, cada vez mais eficaz, liberta um número crescente de operários de tarefas de fabricação propriamente dita, as quais não necessitam mais deles. O desemprego, chamado tecnológico, outra coisa não é senão um dos sinais evidentes deste progresso. Mas, ao mesmo tempo, a produção multiplicada quase ao infinito cria naturalmente o problema da venda (porquanto se torna cada vez mais difícil encontrar mercado para artigos cujas quantidades foram desmedidamente aumentadas) e, de maneira mais ampla, o problema — mais geral — da distribuição e da organização. Pôr em funcionamento empresas — ameaçadas de uma espécie de

gigantismo — torna-se, com efeito, mais e mais complexo. A composição do pessoal e o equilíbrio dos serviços transformam-se em virtude de uma necessidade inelutável; cada operário é um misto de vendedor, distribuidor, organizador e supervisor encarregado de avaliar a eficiência da empresa. Mas, enquanto se economiza tão magnificamente a mão de obra na oficina, cresce o perigo de hipertrofiar-se o escritório.

Eis exatamente o que chamamos a fase administrativa, na qual a organização tende a sobrepor-se à técnica, simplificada pelo seu próprio triunfo; o verdadeiro dirigente não é mais o engenheiro nem o sábio, mas o administrador (no sentido lato do termo), isto é, aquêle que coordena e dirige os esforços de todos. O organismo vai ficando tão complexo que, se não tomarmos cuidado, a torrente vital corre o risco de não mais circular livremente nos vasos, suscetíveis de se engorgitarem. A empresa, quando se amplia demasiadamente, burocratiza-se, tanto mais quanto a interferência do Estado tende à inevitabilidade. Atualmente, a confusão é tal, que o direito civil, o direito comercial, o direito administrativo e até mesmo o direito constitucional deixaram de ser campos distintos. Em verdade, tudo se vai transformando em direito administrativo. Assim, a Administração (com maiúscula), dedica-se ao comércio e o comerciante é obrigado a ocupar-se com administração, desperdiçando o melhor de seu tempo a preencher formulários que irão acumular-se em arquivos inúteis! Na era da organização, a administração é sem dúvida uma necessidade; administração, todavia, não é forçosamente burocracia (ainda que seja essa a tendência natural), no sentido pejorativo do termo. A tarefa urgente que se impõe é a da racionalização do aspecto distributivo e administrativo da produção, nela mantendo, como condição indispensável de vida, a iniciativa, o espírito de concorrência e a liberdade criadora.

Acaso não se verá claramente o perigo? E' que o Estado, que se tornou totalitário mesmo nos países ainda chamados democráticos, pretende, doravante, submeter a técnica, a pesquisa e até mesmo a curiosidade científica aos seus próprios fins, que, aliás, não são de essência desinteressada, e nos quais o espírito partidário transparece através da presunção de servir o interesse geral. Como vai longe o tempo em que o século XIX acreditava no primado da Ciência desinteressada!

Nada ilustra melhor esta transformação de pontos de vista do que a idéia acêrca dos poderes futuros da Ciência — em suas relações com os governos — esposada há três quartos de século (precisamente em 1871) por um pensador como Renan. A bomba atômica, a êste propósito, presta-se a sugestivas comparações.

Nos seus "Diálogos filosóficos", no capítulo dos "Sonhos", o autor da "Vida de Jesus", espantosamente profético, imaginava que um grupo de sábios poderia inventar algum dia o meio de destruir o planeta. Por uma espécie de trapaça superior, êstes sábios — pensava êle — dominariam os governos, tornando-se assim os donos efetivos do mundo. "Pela aplicação cada vez mais dilatada da ciência do armamento — escrevia — um domínio universal tornar-se-á possível e ficará nas mãos dos que dispuserem daquele armamento. O aperfeiçoamento das armas, com efeito, conduz ao inverso da democracia; tende a fortificar não a massa, mas o poder, pois que as armas científicas podem servir aos governos, não aos povos..." Concluiria Renan que êste poder extraordinário pertencerá aos governos? Êle antes o vê a concentrar-se nas mãos dos sábios, depositários do segredo científico destruidor. "No dia em que alguns privilegiados da razão possuírem o meio de destruir o planeta, sua soberania estará implantada e êles reinarão pelo terror absoluto... Quase se pode dizer que serão deuses".

"Como são horríveis os pesadelos com que vos deliciosos!" — replicará o interlocutor do diálogo Mas não é exatamente o que vemos hoje, na era sensacional da bomba atômica? Como sempre, Renan observara bem, com acuidade e antecipação; mas acaso não raciocinava êle de acôrdo com a fase mecânica, técnica, científica, de que falávamos há pouco? Não deveriam ser um pouco diferentes as conclusões da fase administrativa? A experiência atual nos mostra, na verdade, que não são os sábios que controlam os governos, mas os governos que dão emprêgo aos sábios e os fazem trabalhar para êles. Porventura não vemos que para dispor do poder conferido pela bomba atômica é preciso tirar partido menos de um segredo (cedo descoberto) do que de uma poderosa organização industrial, tão complexa, tão aperfeiçoada, que só os países mais evoluídos a podem possuir? Reçaimos, pois, na organização, senhora do mundo moderno. Suas possibilidades são imensas; seus perigos não são menores.